

Fernando Augusto armazena histórias. Histórias do seu dia-a-dia, do seu fazer de artista, enquanto professor de desenho na Universidade Estadual de Londrina-PR, formando uma espécie de diário que coleta em forma de bilhetes guardados em uma gaveta qualquer e que, de repente, ganham a luz do dia e, por sob qualquer pretexto, adquirem status de páginas de história, história do cotidiano.

Em sua obra, encontra a capacidade de construção e reflexão, junto com a liberdade de criação e de experimentação. Enquanto conscientemente, coloca lado a lado as formas que nos recomendam as nós espectadores uma leitura, nos lança em precipícios e redemoinhos de sensações com gestos bruscos deformidades instigadoras, não-cores (ele se vale basicamente do preto, do branco, dos cinzas, de azuis, e por vezes vermelho terra), como a nos desviar de um caminho que se queria, pré-traçado.

Esse caráter instigador é proporcionado exatamente por uma especialidade e temporalidade muito pessoal, já marca registrada em sua obra. A organização compositiva - a espacialidade - representa a realidade visual do artista, segundo valores formais, sentidos e dimensões próprias que comunicam suas ideias ou inspirações com vínculos ao seu contexto, ao seu mundo. Segundo Vicenç Furió uma pintura interpreta e se refere a um conjunto muito amplo de conceitos e valores, ainda que nem todos eles sejam uma parte consciente dos propósitos do artista ou estejam diretamente relacionados com a intencionalidade da obra.

Em muitos aspectos, a obra de Fernando Augusto infere em sua própria espacialidade a ação de uma representação. Está presente a sua ação espaço temporal ao construir imagens e lhes agregar textos, quer escritos ou não - a sublimação os coloca mais evidentes, como na obra *Geografia* (onde se pode ler a presença-ausência dos desenhos do homem pré-histórico) ou mais palpável ainda em *Diálogo Difícil* (onde pode ler o pensamento lógico da construção do desenho).

Essa relação tempo-espaço está também em suas *histórias em quadrinhos*. Na série *Diário de Frequência*, ele literalmente define seu painel em quadrados e em cada um conta uma história, que sempre remete ao seu cotidiano, conformando uma obra cujo valor estético formal está imbuído também de um valor expressivo-sensorial. Sua obra parece nos remeter, ainda, um recorte dos nosso tecidos corpóreos, onde médicos e cientistas revelam e desvendam conjuntos de células com diferentes formatos, características e funções, cuja interação se refere em nosso próprio desenvolvimento físico e afetivo.

Assim também, o artista parece construir a arte, uma cadeia de células cujas ações são reflexos e sintonia dos eu mundo particular. Parafraseando Mário de Andrade, muito se ouvirá falar, de agora em diante, de Fernando Augusto.

Elvira Vernaschi

Coordenadora de Difusão Cultural - exposições temporárias

Museu de Arte Contemporânea/USP

São Paulo, agosto de 1995